

Dois capítulos de *Liberdade ou Amor*, de Robert Desnos

Éclair Antonio Almeida Filho

O romance *Liberdade ou Amor*, do surrealista Robert Desnos (1900-1945), poeta ainda inédito no Brasil, foi publicado na França, pela primeira vez, em 1927. Juntamente com *Nadja*, de André Breton, e *Mort Aux Vaches Et Au Champ D'Honneur*, de Benjamin Péret, *Liberdade ou Amor* é um dos principais textos surrealistas em prosa poética do período “heróico” do Surrealismo, que vai de 1924 a 1929.

Liberdade ou Amor é composto de doze capítulos e um poema-prólogo escrito em alexandrinos, perfeitamente metrificados e rimados. Com isso, Desnos ressalta a liberdade com que se expressava e desmistifica a idéia de que o poeta surrealista deveria se livrar das formas poéticas clássicas.

Já em seu título evoca o brado da Revolução Francesa: “Liberté ou la Mort” (A Liberdade ou A Morte). Por paronomásia, Desnos transforma esse grito em “Liberté ou l’Amour”. Em seus dois últimos capítulos, o cenário são as próprias decapitações promovidas pela Revolução Francesa. Em nossa tradução, para que aproximássemos sonoramente as expressões “a morte” de “amor”, excluimos o artigo definido antes de “amor”.

Para apresentar Desnos ao público brasileiro, escolhemos os dois primeiros capítulos de *Liberdade ou Amor*, pois neles o leitor

poderá encontrar em germe todas as características dessa bela prosa poética surrealista. No primeiro capítulo, intitulado “Robert Desnos”, ficamos sabendo que Robert Desnos, o escritor das linhas que leremos, morreu no mesmo dia em que as escreveu. Assim, logo de início, descobrimos que leremos um romance de um autor morto. Terá ele conseguido terminar a narrativa antes de sua morte?

No segundo capítulo, “As profundezas da noite”, encontramos todos os três principais personagens da trama: Corsário Solução (*Corsaire Sanglot*), Louise Lâmina (*Louise Lame*) e Bebê Cadum (*Bébé Cadum*). No entanto, num caso de narrativa de ordem onírica, como em Desnos, devemos entender que os “personagens” não se fixam numa só identidade, podendo se metamorfosear em outros.

A linguagem de *Liberdade ou Amor* se constitui de fluxos de consciência, escritas automáticas e jogos de linguagem. Ao usar esses elementos, Desnos reforça os ideais surrealistas que tanto visam liberdade e ludicidade na escritura, quanto ruptura com os princípios de identidade e de não-contradição. Passemos à leitura!*

* O tradutor agradece a Cláudio Willer pela leitura e por suas várias sugestões.

Liberdade ou Amor

I. Robert Desnos

Nascido em Paris a 4 de julho de 1900.

Falecido em Paris a 13 de dezembro de 1924, dia em que escreve estas linhas.

II. As profundezas da noite

Quando eu chegava à rua, as folhas das árvores caíam. A escadaria por trás de mim não era mais que um firmamento semeado de estrelas entre as quais eu distinguia nitidamente a impressão dos passos de tal mulher cujos saltos Luís XV haviam, durante muito tempo, martelado o macadame das áleas onde corriam os camaleões do deserto, frágeis animais domesticados por mim, depois recolhidos aos meus aposentos onde entraram em causa comum com meu sono. Os saltos Luís XV os seguiram. Foi, eu o asseguro, um período surpreendente da minha vida, aquele em que cada minuto noturno marcava com uma impressão nova a alcatifa do meu aposento: marca estranha e que às vezes me dava arrepios. Quantas vezes, em tempos de trovões ou de lua cheia, levantei-me para contemplá-los à luz fraca de um fogo de madeira, à luz fraca de um fósforo ou à luz fraca de um vaga-lume, essas lembranças de mulheres que vinham à minha cama, totalmente nuas à exceção das meias e dos sapatos de saltos altos conservados em respeito ao meu desejo, e mais insólitas que uma sombrinha encontrada em pleno Pacífico por um paquete. Saltos maravilhosos contra os quais eu arranhava meus pés, saltos! Sobre qual estrada vocês ressoam e nunca mais voltarei a vê-los? Minha porta, então, estava escancarada sobre o mistério, mas este entrou fechando-a por trás dele e de agora em diante escuto, sem dizer uma palavra, uma bateção de pés imensa, a de uma

multidão de mulheres nuas sitiando o buraco de minha fechadura. A multidude de seus saltos Luís XV faz um barulho comparável ao fogo de madeira na fornalha, aos campos de trigos maduros, aos relógios nos quartos desertos à noite, a uma respiração estranha ao lado do rosto sobre o mesmo travesseiro.

Entretanto, embrenhei-me na Rua das Pirâmides. O vento trazia folhas arrancadas das árvores das Tuileries e estas folhas caíam com um ruído macio. Eram luvas; luvas de todos os tipos, luvas de pele, luvas da Suécia, luvas de fios longos. Diante do joalheiro está uma mulher que tira suas luvas para experimentar um anel e para ter a mão beijada pelo Corsário Solução, é uma cantora, no fundo de um teatro agitado, vindo com eflúvios de guilhotina e gritos de Revolução, é o pouco de uma mão que podemos ver na altura dos botões. De vez em quando, mais pesadamente que um meteoro em final de percurso, caía uma luva de boxe. A multidão pisava nesses momentos de beijos e de abraços sem lhes prestar a deferente atenção que solicitavam. Só eu evitava matá-los. Às vezes até mesmo recolhia um deles. Com um forte abraço doce, ele me agradecia. Eu o sentia tremer no bolso da minha calça. Assim sua amante deve ter tremido no instante fugitivo do amor. Eu caminhava.

De volta a meus passos e margeando as arcadas da Rua de Rivoli vi enfim Louise Lâmina caminhar à minha frente.

O vento soprava sobre a cidade. Os cartazes do Bebê Cadum chamavam os emissários da tempestade e sob sua guarda a cidade inteira tinha convulsões.

Foram de início duas luvas que se abraçaram em um aperto de mãos invisíveis e cuja sombra por muito tempo dançou à minha frente.

À minha frente? Não, era Louise Lâmina que caminhava na direção da Estrela. Singular caminhada. Outrora, os reis caminharam na direção de uma estrela nem mais nem menos concreta que você, Praça da Estrela com seu arco, órbita onde o sol se aloja como o olho do céu, caminhada aventureira e cujo objetivo era talvez você

que eu solicito, amor fatal, exclusivo, e assassino. Se eu tivesse sido um dos reis, ó Jesus, você seria morto no berço, estrangulado, por ter interrompido tão cedo minha viagem magnífica, e por ter partido a minha liberdade; depois, sem dúvida, um amor místico acorrentou-me e arrastou-me como prisioneiro nas estradas do globo que eu sonhara percorrer livre.

Comprazia-me à contemplação do jogo do seu manto de pele contra o seu pescoço, dos choques da bordadura contra as meias de seda, ao roçar adivinhado da dobra sedosa contra as ancas. Bruscamente, constatei a presença de uma bordadura branca em torno das franjas. Esta aumentou rapidamente, deslizou pelo chão, e, quando alcancei esse lugar, recolhi a calça de fina batista. Ela cabia inteira em minha mão. Desdobrei-a, mergulhei nela a cabeça com delícias. O odor mais íntimo de Louise Lâmina a impregnava. Que fabulosa baleia, qual prodigioso cachalote destila um âmbar mais odorante. Os pescadores perdidos nos fragmentos da banquisa e que vocês deixariam perecer de emoção a cair nas vagas glaciais quando – o monstro esquarterado, a gordura e o óleo e as bárbulas para fazer espartilhos e guarda-chuvas cuidadosamente recolhidos – vocês descobrem no ventre escancarado o cilindro de matéria preciosa. A calça de Louise Lâmina! Que universo! Quando voltei à noção dos cenários, ela tinha ganhado espaço. Cambaleante entre as luvas que agora se abraçavam, a cabeça pesada de embriaguez, eu a persegui, guiado por seu manto de leopardo. Na Porta Maillot, levantei o vestido de seda negra do qual ela havia se desvencilhado. Nua, ela estava nua agora por baixo do seu manto de pele selvagem. O vento da noite carregado do cheiro rugoso dos véus de linho recolhido ao longo das costas, carregado do cheiro do sargaço encalhado nas praias e em parte dissecado, carregado da fumaça das locomotivas a caminho de Paris, carregado do cheiro do calor dos trilhos após a passagem dos grandes expressos, carregado do perfume frágil e penetrante das relvas diante dos castelos adormecidos, carregado do cheiro de cimento das igrejas em construção, o vento denso da noite devia se entranhar por bai-

xo do seu manto e acariciar suas ancas e a face inferior dos seus seios. O roçar do tecido sobre as suas ancas sem dúvida despertava nela desejos eróticos, enquanto caminhava pelo passeio das Acácias até um destino desconhecido. Automóveis se cruzavam, a luz fraca dos faróis varria as árvores, o solo se eriçava de montículos, Louise Lâmina se apressava. Eu distinguia muito nitidamente a pele do leopardo.

Tinha sido um furioso animal.

Durante anos tinha aterrorizado uma região. Via-se às vezes sua silhueta desenvolta se perfilar sobre o galho baixo de uma árvore ou sobre um rochedo; depois, na aurora seguinte, caravanas de girafas e de antílopes, no caminho dos bebedouros, testemunhavam junto a indígenas uma epopéia sangrenta que tinha profundamente inscrito suas garras sobre os troncos da floresta. Isso durou vários anos. Os cadáveres, se os cadáveres pudessem falar, poderiam ter dito que suas presas eram brancas e sua cauda robusta mais perigosa que a cobra, mas os mortos não falam, ainda menos os esqueletos, ainda menos os esqueletos de girafas, pois esses graciosos animais eram a caça favorita do leopardo.

Um dia de outubro, como o céu se esverdeava, os montes erigidos sobre o horizonte viram o leopardo, desdenhoso por uma vez dos antílopes, dos mustangues e das belas, altivas e rápidas girafas, rastejar até uma moita de espinhos. A noite inteira e o dia seguinte revirou-se rugindo. Ao nascer da lua ele mesmo tinha se esfolado todo e sua pele, intacta, jazia pelo chão. O leopardo não havia parado de crescer durante esse tempo. Ao nascer da lua ele atingia o cume das árvores mais elevadas, à meia-noite desprendia de sua sombra as estrelas.

Foi um extraordinário espetáculo a marcha do leopardo esfolado pelos campos cujas trevas se adensavam com sua sombra gigantesca. Ele arrastava sua pele; mais bela nem os imperados romanos jamais vestiram, nem eles nem o legionário escolhido entre os mais belos e que eles amavam.

Procissões de insígnias e de lictores, procissões de pirilampos, ascensões miraculosas! Nada jamais igualou em surpresa a marcha da fera sangrando sobre o corpo da qual saltavam veias azuis.

Quando chegou à casa de Louise Lâmina, a porta se abriu por si mesma e, antes de morrer, teve apenas a força de depositar sobre a escadaria exterior, aos pés da fatal e adorável jovem, a suprema homenagem de sua pele.

Suas ossadas entulham ainda várias estradas do globo. O eco do seu grito de cólera, repercutido por muito tempo pelas geleiras e pelas encruzilhadas, morreu como o marulho, e Louise Lâmina caminha diante de mim, nua por baixo do seu manto.

Mais alguns passos e eis que ela desabotoa essa última veste. Sucumbe. Corro mais rápido. Louise Lâmina está nua de agora em diante, totalmente nua no bosque de Boulogne. Os automóveis fogem urrando; seus faróis ora iluminam uma bétula, ora a coxa de Louise Lâmina sem atingir, entretanto, a pelagem sexual. Uma tempestade de rumores angustiantes passa sobre as localidades vizinhas: Puteaux, Saint-Cloud, Billancourt.

A mulher nua caminha cercada de crepitações de invisíveis tecidos; Paris fecha portas e janelas, apaga seus lampadários. Um assassino num bairro distante se esforça muito para matar um impassível transeunte. Ossadas entulham a calçada. A mulher nua bate a cada porta, levanta toda pálpebra fechada.

Do alto de um imóvel, Bebê Cadum, magnificamente iluminado, anuncia novos tempos. Um homem espia em sua janela. Espera.

O que espera?

Um repique de sinos desperta todo um corredor. Uma porta cocheira se fecha.

Um automóvel passa.

Bebê Cadum, magnificamente iluminado, permanece só, testemunha atenta dos acontecimentos dos quais a rua, esperemo-lo, será o teatro.

Liberté ou l'Amour

I. Robert Desnos

Né à Paris le 4 juillet 1900.

Décédé à Paris le 13 décembre 1924, jour où il écrit ces lignes.

II. Les profondeurs de la nuit

Quand j'arrivais dans la rue, les feuilles des arbres tombaient. L'escalier derrière moi n'était plus qu'un firmament semé d'étoiles parmi lesquelles je distinguais nettement l'empreinte des pas de telle femme dont les talons Louis XV avaient, durant longtemps, martelé le macadam des allées où couraient les lézards du désert, frêles animaux apprivoisés par moi, puis recueillis dans mon logis où ils firent cause commune avec mon sommeil. Les talons Louis XV les suivirent. Ce fut, je l'assure, une étonnante période de ma vie que celle où chaque minute nocturne marquait d'une empreinte nouvelle la moquette de ma chambre: marque étrange et qui parfois me faisait frissonner. Que de fois, par temps d'orage ou clair de lune, me relevai-je pour les contempler à la lueur d'un feu de bois, à celle d'une allumette ou à celle d'un ver luisant, ces souvenirs de femmes venues jusqu'à mon lit, toutes nues hormis les bas et les souliers à hauts talons conservés en égard à mon désir, et plus insolites qu'une ombrelle retrouvée en plein Pacifique par un paquebot. Talons merveilleux contre lesquels j'égratignais mes pieds, talons ! sur quelle route sonnez-vous et vous reverrai-je jamais ? Ma porte, alors, était grande ouverte sur le mystère, mais celui-ci est entré en la fermant derrière lui et désormais j'écoute, sans mot dire, un piétinement immense, celui d'une foule de femmes nues assiégeant le trou de ma serrure. La multitude de leurs talons Louis XV fait un bruit comparable au feu de bois dans l'âtre, aux champs de blés mûrs, aux

horloges dans les chambres désertes la nuit, à une respiration étrangère à côté du visage sur le même oreiller.

Cependant, je m'engageai dans la rue des Pyramides. Le vent apportait des feuilles arrachées aux arbres des Tuileries et ces feuilles tombaient avec un bruit mou. C'étaient des gants; gants de toutes sortes, gants de peau, gants de Suède, gants de fil longs. C'est devant le bijoutier une femme qui se dégage pour essayer une bague et se faire baiser la main par le Corsaire Sanglot, c'est une chanteuse, au fond d'un théâtre houleux, venant avec des effluves de guillotine et des cris de Révolution, c'est le peu d'une main qu'on peut voir au niveau des boutons. De temps à autre, plus lourdement qu'un météore à fin de course, tombait un gant de boxe. La foule piétinait ces souvenirs de baisers et d'étreintes sans leur prêter la déférente attention qu'ils sollicitaient. Seul j'évitais de les meurtrir. Parfois même je ramassais l'un d'eux. D'une étreinte douce il me remerciait. Je le sentais frémir dans la poche de mon pantalon. Ainsi sa maîtresse avait-elle dû frémir à l'instant fugitif de l'amour. Je marchais.

Revenu sur mes pas et longeant les arcades de la rue de Rivoli je vis enfin Louise Lame marcher devant moi.

Le vent soufflait sur la cité. Les affiches du Bébé Cadum appelaient à elles les émissaires de la tempête et sous leur garde la ville entière se convulsait.

Ce furent d'abord deux gants qui s'étreignirent en une poignée d'invisibles mains et dont l'ombre longtemps dansa devant moi.

Devant moi ? Non, c'était Louise Lame qui marchait dans la direction de l'Etoile. Singulière randonnée. Jadis, les rois marchèrent dans la direction d'une étoile ni plus ni moins concrète que toi, place de l'Etoile avec ton arc, orbite où le soleil se loge comme l'oeil du ciel, randonnée aventureuse et dont le but mystérieux était peut-être toi que je sollicite, amour fatal, exclusif, et meurtrier. Si j'avais été l'un des rois, o Jésus, tu serais mort au berceau, étranglé, pour avoir interrompu si tôt mon voyage magnifique et brisé ma liberté

puis, sans doute, un amour mystique m'eût enchaîné et traîné en prisonnier sur les routes du globe que j'eusse rêvé parcourir libre.

Je me complaisais à la contemplation du jeu de son manteau de fourrure contre son cou, des heurts de la bordure contre les bas de soie, au frottement deviné de la doublure soyeuse contre les hanches. Brusquement, je constatai la présence d'une bordure blanche autour des mollets. Celle-ci grandit rapidement, glissa jusqu'à terre, et quand je parvins à cet endroit je ramassai le pantalon de fine batiste. Il tenait tout entier dans la main. Je le dépliai, j'y plongeai la tête avec délices. L'odeur la plus intime de Louise Lama l'imprégnait. Quelle fabuleuse baleine, quel prodigieux cachalot distille une ambre plus odorante. O pêcheurs perdus dans les fragments de la banquise et qui vous laisseriez périr d'émotion à tomber dans les vagues glaciales quand, le monstre dépecé, la graisse et l'huile et les fanons à faire des corsets et des parapluies soigneusement recueillis, vous découvrez dans le ventre béant le cylindre de matière précieuse. Le pantalon de Louise Lama ! quel univers ! Quand je revins à la notion des décors, elle avait gagné du terrain. Trébuchant parmi les gants qui maintenant s'accolaient tous, la tête lourde d'ivresse, je la poursuivis, guidé par son manteau de léopard.

A la Porte Maillot, je relevai la robe de soie noire dont elle s'était débarrassée. Nue, elle était nue maintenant sous son manteau de fourrure fauve. Le vent de la nuit chargé de l'odeur rugueuse des voiles de lin recueillie au large des côtes, chargé de l'odeur du varech échoué sur les plages et en partie desséché, chargé de la fumée des locomotives en route vers Paris, chargé de l'odeur de chaud des rails après le passage des grands express, chargé du parfum fragile et pénétrant des gazons humides des pelouses devant les châteaux endormis, chargé de l'odeur de ciment des églises en construction, le vent lourd de la nuit devait s'engouffrer sous son manteau et caresser ses hanches et la face inférieure de ses seins. Le frottement de l'étoffe sur ses hanches éveillait sans doute en elle des désirs érotiques pendant qu'elle marchait allée des Acacias vers un but

inconnu. Des automobiles se croisaient, la lueur des phares balayait les arbres, le sol se hérissait de monticules, Louise Lane se hâtait.

Je distinguais très nettement la fourrure du léopard.

Ç'avait été un furieux animal.

Durant des années il avait terrorisé une contrée. On voyait parfois sa silhouette souple se profiler sur la basse branche d'un arbre ou sur un rocher, puis, à l'aube suivante, des caravanes de girafes et d'antilopes, sur le chemin des abreuvoirs, témoignaient auprès des indigènes d'une épopée sanglante qui avait profondément inscrit ses griffes sur les troncs de la forêt. Cela dura plusieurs années. Les cadavres, si les cadavres pouvaient parler, auraient pu dire que ses crocs étaient blancs et sa queue robuste plus dangereuse que le cobra, mais les morts ne parlent pas, encore moins les squelettes, encore moins les squelettes de girafes, car ces gracieux animaux étaient la proie favorite du léopard.

Un jour d'octobre, comme le ciel verdissait, les monts dressés sur l'horizon virent le léopard, dédaigneux pour une fois des antilopes, des mustangs et des belles, hautaines et rapides girafes, ramper jusqu'à un buisson d'épines. Toute la nuit et tout le jour suivant il se roula en rugissant. Au lever de la lune il s'était complètement écorché et sa peau, intacte, gisait à terre. Le léopard n'avait pas cessé de grandir durant ce temps. Au lever de la lune il atteignait le sommet des arbres les plus élevés, à minuit il décrochait de son ombre les étoiles.

Ce fut un extraordinaire spectacle que la marche du léopard écorché sur la campagne dont les ténèbres s'épaississaient de son ombre gigantesque. Il traînait sa peau telle que les empereurs romains n'en portèrent jamais de plus belle, eux ni le légionnaire choisi parmi les plus beaux et qu'ils aimaient.

Processions d'enseignes et de licteurs, processions de lucioles, ascensions miraculeuses ! rien n'égalait jamais en surprise la marche du fauve sanglant sur le corps duquel les veines saillaient en bleu.

Quand il atteignit la maison de Louise Lame, la porte s'ouvrit d'elle-même et, avant de crever, il n'eut que la force de déposer sur le perron, aux pieds de la fatale et adorable fille, le suprême hommage de sa fourrure.

Ses ossements encombrant encore de nombreuses routes du globe. L'écho de son cri de colère, répercuté longtemps par les glaciers et les carrefours, est mort comme le bruit des marées et Louise Lame marche devant moi, nue sous son manteau.

Encore quelques pas et voici qu'elle dégrafe ce dernier vêtement. Il choit. Je cours plus vite. Louise Lame est nue désormais, toute nue dans le bois de Boulogne. Les autos s'enfuient en barrissant; leurs phares éclairent tantôt un bouleau, tantôt la cuisse de Louise Lame sans atteindre cependant la toison sexuelle. Une tempête de rumeurs angoissantes passe sur les localités voisines : Puteaux, Saint-Cloud, Billancourt.

La femme nue marche environnée de claquements d'invisibles étoffes; Paris ferme portes et fenêtres, éteint ses lampadaires. Un assassin dans un quartier lointain se donne beaucoup de mal pour tuer un impassible promeneur. Des ossements encombrant la chaussée. La femme nue heurte à chaque porte, soulève toute paupière close.

Du haut d'un immeuble, Bébé Cadum magnifiquement éclairé, annonce des temps nouveaux. Un homme guette à sa fenêtre. Il attend.

Qu'attend-il?

Une sonnerie éveille un couloir. Une porte cochère se ferme.

Une auto passe.

Bébé Cadum magnifiquement éclairé reste seul, témoin attentif des événements dont la rue, espérons-le, sera le théâtre.